

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

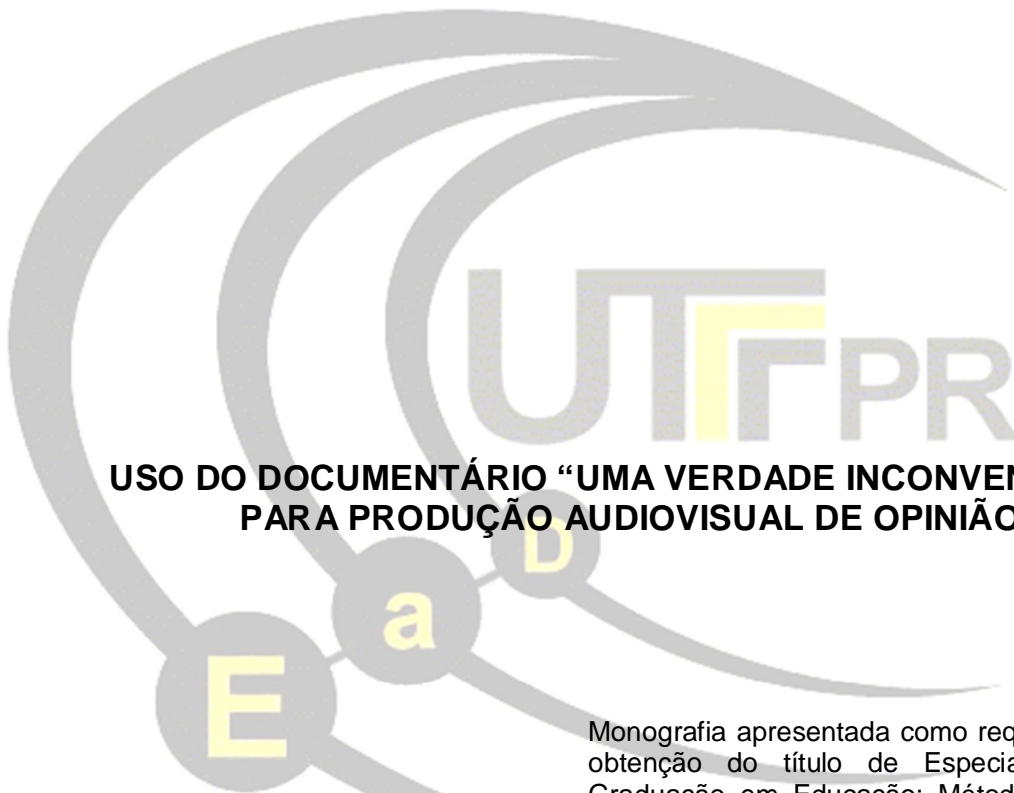
DOUGLAS RAFAEL FACHINELLO

**USO DO DOCUMENTÁRIO “UMA VERDADE INCONVENIENTE”
PARA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DE OPINIÃO**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

**MEDIANEIRA
2013**

DOUGLAS RAFAEL FACHINELLO



**USO DO DOCUMENTÁRIO “UMA VERDADE INCONVENIENTE”
PARA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DE OPINIÃO**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

Orientadora: Professora Maria Fatima
Menegazzo Nicodem.

MEDIANEIRA

2013



TERMO DE APROVAÇÃO

Uso do documentário “Uma verdade inconveniente” para produção audiovisual de
opinião

Por

Douglas Rafael Fachinello

Esta monografia foi apresentada às 21 h do dia 22 de novembro de 2013 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O aluno foi avaliado pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Professora Maria Fatima Menegazzo Nicodem

UTFPR – Câmpus Medianeira

Orientadora

Prof Dra. Ivone T. Carletto de Lima

UTFPR – Câmpus Medianeira

Membro

Prof^a. M.Sc. Nelson dos Santos

UTFPR – Câmpus Medianeira

Membro

Dedico este trabalho aos pequenos gestos
que tornam o dia de um ser humano mais
agradável.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à pessoa que teve a iniciativa de criar e oferecer um curso público a distância e de qualidade. Aos professores que compartilharam alguns caminhos para que pudéssemos ter novas experiências. Ao mecânico que consertou meu carro as pressas várias vezes para que eu não perdesse as aulas presenciais aos sábados. E à professora orientadora Maria Fatima Menegazzo Nicodem que se mostrou muito presente, mesmo que virtualmente, para ajudar na elaboração deste trabalho.

“Não importa o que fizeram com você. O que importa é o que você faz com aquilo que fizeram com você”.

Jean Paul Sartre

RESUMO

FACHINELLO, Douglas Rafael. **Uso do documentário “Uma verdade inconveniente” para produção audiovisual de opinião**. 35 páginas. Orientadora: Maria Fatima Menegazzo Nicodem. Monografia de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

Este trabalho teve como temática o uso do documentário “Uma verdade Inconveniente” de autoria do ex-presidente dos Estados Unidos da América, Al Gore, como incentivo à produção de paródias audiovisuais nas quais os alunos expressassem opiniões sobre questões ligadas ao meio ambiente da comunidade em que vivem. Nosso objetivo foi criar e analisar o método de uso da tecnologia audiovisual para produções nas quais nossos alunos trabalhem com tese, argumento e, por fim, na busca de soluções para os entraves que se apresentem. Ainda mais pelo fato de que a tecnologia está presente em praticamente todas as escolas, mesmo que apenas através do celular, e não vem sendo usada para fins didáticos e apenas como um item que cria embate entre educadores e alunos. Esta foi uma maneira na qual mesclamos os conteúdos básicos e específicos que constam nas Diretrizes Curriculares Estaduais do Estado do Paraná e o que mais se mostra presente e talvez interessante nas mãos de nossos alunos da década de 2010.

Palavras-chave: Documentário, Produção e Paródias audiovisuais.

ABSTRACT

FACHINELLO, Douglas Rafael. **Uso do documentário “Uma verdade inconveniente” para produção audiovisual de opinião**. 35 páginas. Orientadora: Maria Fatima Menegazzo Nicodem. Monografia de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

This work had as its theme the use of the documentary "An Inconvenient Truth" authored by former president of the United States, Al Gore, as an incentive for the production of audiovisual parodies in which students express opinions on issues related to the environment of the community they live. Our goal was to create and analyze the method of use of audiovisual technology for productions in which our students work with thesis, argument and, finally, the search for solutions to obstacles that arise. Further by the fact that technology is present in almost all schools, even if only through the cell, and is not being used for teaching purposes and only as an item that creates clash between educators and students. This was one way in which merged the basic and specific content contained in the State of Parana State curriculum guidelines and this shows that most interesting and perhaps in the hands of our students of the 2010s.

Keywords: Documentary, production and audiovisual parodies.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	21
FIGURA 2	24
FIGURA 3	28
FIGURA 4	30

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	18
4 “UMA VERDADE INCONVENIENTE” E A PRÁTICA EM SALA DE AULA	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

O acesso à tecnologia tem sido facilitado nas últimas décadas. Os meios para se produzir conteúdo midiático (falso ou verdadeiro) fazem parte do cotidiano, e seria descaso dos profissionais da educação negar que isso está presente no meio escolar.

Num primeiro momento, houve (e em algumas instituições ainda existe) uma significativa rejeição pelo uso das novas tecnologias para criar novos métodos e técnicas de ensino, porém, com a popularização dos produtos tecnológicos e do acesso à Internet apresenta-se uma grande oportunidade para tentar achar outras formas para ensinar.

Aproveitando este momento, pelo qual passa a educação brasileira, esta pesquisa descreverá um método de produção de documentário (audiovisual), valendo-se de câmeras digitais presentes em praticamente todos os lares e até mesmo em todos os celulares, pautado por um documentário famoso por ter sido feito por Al Gore, ex-vice-presidente dos Estados Unidos da América, país que é declaradamente contra qualquer gesto que afete seu meio de produção, para tentar reduzir os danos ao meio ambiente, intitulado “Uma verdade inconveniente” (para ler à sinopse deste, ver ANEXO A).

Porém, antes de explicar mais especificamente o motivo pela escolha do documentário de Al Gore, é preciso delimitar o gênero documentário. Buscou-se uma definição em Dias (2009), publicada na revista de “História e Estudos Culturais”, que é graduado em História pela Universidade Federal de Uberlândia, no qual o autor resume, comenta e contemporiza o livro de Ramos, que é um marco da delimitação do documentário, no Brasil e, por não termos acesso a este, valeremos da definição apresentada por Dias, em seu artigo:

[...] podemos afirmar que o documentário é uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala (mas, no início de sua história, mudas), para as quais olhamos (nós, espectadores) em busca de asserções sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoa. Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. A natureza das imagens-câmera e, principalmente, a dimensão da

tomada através da qual as imagens são constituídas determinam a singularidade da narrativa documentária em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados. (RAMOS, Apud DIAS, 2009, p 2-3).

Segundo Ramos (2009), um documentário é uma narrativa que apresenta uma opinião e que é produzido com o uso da câmera. Estas são as tecnologias em questão que respaldam o método de elaboração de documentário. Para este trabalho, escolheu-se o documentário “Uma verdade inconveniente” (Al Gore), por abordar o assunto “meio ambiente”, um tema amplamente presente na contemporaneidade, que parece ter-se tornado clichê, não sendo visto mais com a atenção necessária.

Os educadores, sabendo da importância do tema, devem tentar torná-lo atrativo. Por este motivo, justifica-se a escolha do documentário que usaremos como ponto de partida. O uso de documentários não é algo comumente explorado tematicamente nas escolas. E este trabalho prevê a produção de paródias do “filme” em questão, para tornar o ensino da produção de opinião mais atrativa sobre o tema “meio ambiente”.

Esperou-se, para o uso do documentário, o momento mais oportuno para trabalhar com os alunos do nono ano do Ensino Fundamental. Começamos pela leitura, interpretação e produção de artigos de opinião. Apresentadas as peculiaridades do gênero, mostrou-se que existe a possibilidade do documentário e, para isso, apresentou-se aos alunos o formato deste gênero. Posteriormente, explicou-se o que é uma paródia para então usar a câmera para produção de uma que envolvesse a realidade dos alunos, valendo-se do mesmo tema. E nos valendo de um clichê educacional, citando Paulo Freire, que paradoxalmente é pouco usado, apesar de ser muito falado, a aprendizagem faz muito mais sentido quando volta-se para o uso do cotidiano do aluno.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Acreditamos que em todo o Brasil, nos últimos anos, desde 2010, o assunto celular, que é uma tecnologia, e as fotos e vídeos por ele geradas, foram abordados em todas as salas de professores ou durante reuniões pedagógicas. Porém, muito se reclama da presença destes meios tecnológicos e pouco se tem feito para aproveitá-los para tentar trazer os alunos para o lado do professor e até mesmo usar esses aparelhos em nossas aulas.

E para tentar começar a usar as mídias na educação, fazemos uma paráfrase de Marshall McLuhan (1960), extraída do artigo de Susana Gastal (2003), de que a mídia é um meio, e não um fim por si só, e é por isso que nós também podemos usá-la. Tal como podemos usar o vídeo (câmera digital) para produzir, ler e interpretar. Para Moran (1995) devemos usar o vídeo, pois este ajuda, oportuniza mais um meio para um fim, que é a aquisição de conhecimentos pelos alunos e de forma lúdica.

Vídeo como expressão, como nova forma de comunicação, adaptada à sensibilidade principalmente das crianças e dos jovens. As crianças adoram fazer vídeo e a escola precisa incentivar o máximo possível a produção de pesquisas em vídeo pelos alunos. A produção em vídeo tem uma dimensão moderna, lúdica. Moderna, como um meio contemporâneo, novo e que integra linguagens. Lúdica, pela miniaturização da câmera, que permite brincar com a realidade, levá-la junto para qualquer lugar. Filmar é uma das experiências mais envolventes tanto para as crianças como para os adultos. Os alunos podem ser incentivados a produzir dentro de uma determinada matéria, ou dentro de um trabalho interdisciplinar. E também produzir programas informativos, feitos por eles mesmos e colocá-los em lugares visíveis dentro da escola e em horários onde muitas crianças possam assisti-los. (MORAN, 1995. Não paginado).

Como se pode notar, o uso do vídeo em sala de aula para produção procurou ser mais atrativo do que uma simples produção textual, que até poderia virar um artigo de jornal, pois o vídeo nos permite levar a vida até o interlocutor.

Ao usar as tecnologias – vídeo e câmera – para a produção de um documentário pautado por outro já existente, é importante deixar clara a noção de autoria (quem produz algo) e da produção que surge de outra pré-existente, neste caso, a paródia e que nos dá a liberdade para produzir. Quem bem define paródia da forma como a abordamos neste trabalho é Hutcheon (1989).

A paródia possui duas definições mais conhecidas. A primeira definição para nós equivale à noção de intertextualidade, ou seja, um texto que para existir se “apoia” em outro. Leiamos esta primeira definição nas palavras de Hutcheon (1989).,

Tal como Genette, vejo a paródia como uma relação formal ou estrutural entre dois textos. Nos termos de Bakhtin, trata-se de uma forma de dialogia textual. Ao sintetizar as teorias difusas de Bakhtin, Tzvetan Todorov (1981, 110) notou que a paródia era, para ele uma forma de discurso representado, passivo, divergente e difónico (HUTCHEON 1989, p.34)

Logo, a paródia pode surgir tanto com relação ao conteúdo, quanto com relação à estrutura de uma produção qualquer. Um ponto que merece reflexão é o de que a paródia não é apenas a transfiguração de uma produção com algum *status*, segundo os padrões sociais contemporâneos burgueses, para um que gere o rebaixamento, porque o contrário também gera a paródia, tal como transformar uma comédia em tragédia.

A posterior definição apresentada por Hutcheon (1989) é a de que a paródia é mais do que a simples relação intertextual. Ela é o resultado, a produção, de uma compreensão possível de uma fonte, seja ela textual ou não. Vejamos a definição da autora:

Quando falamos em paródia não nos referimos apenas a dois textos que se inter-relacionam de certa maneira. Implicamos também uma intenção de parodiar outra obra (ou conjunto de convenções) e tanto um reconhecimento dessa intenção como capacidade de encontrar e interpretar o texto de fundo na sua relação com a paródia. É aqui que a semiótica pragmática de um teorizador como Umberto Eco apresenta as ferramentas que permitem ultrapassar o formalismo de Genette. A paródia seria um dos <<passos inferenciais>>, nos termos de Eco, que têm de ser dados pelo receptor: <<não são meras iniciativas caprichosas da parte do leitor, mas são antes suscitadas pelas estruturas discursivas e previstas por toda a estratégia textual como componentes indispensáveis da construção>> da obra (ECO, 1979, apud HUTCHEON 1989, p.34).

Por fim, nos interessa delimitar o que é o gênero documentário, e para tal, nos valem da definição de Carvalho (2006):

O que é um documentário jornalístico? O documentário é o formato de produção audiovisual que lida com a verdade, mostra fatos reais ou não imaginários, o que normalmente chamamos de "não-ficção".

Aborda um tema ou assunto em profundidade a partir da seleção de alguns aspectos e representações auditivas e visuais (CARVALHO, 2006).

Esta pesquisa, desta forma, volta-se a analisar a produção de paródias do documentário “Uma verdade inconveniente” por parte dos alunos do nono ano do Ensino Fundamental, de uma instituição pública, para que a trabalhem com a experiência audiovisual.

Porém, em um determinado momento da produção desta pesquisa, surgiram alguns pontos que acreditamos que precisem ser mais bem abordados.

O primeiro é o uso documentário na sala de aula, como estratégia didática para o ensino de diversos temas e/ou conteúdos.

Quando pesquisamos sobre a forma de se usar um documentário em sala de aula, a maioria das informações disponíveis era de como usá-lo como transmissor de informações, e não como a produção pode ajudar no ensino.

Nesta vertente de ensino, podemos citar Sales (2009), o qual afirma que “Não há consenso se o uso de documentários em sala de aula é uma forma de mostrar a “verdade” para os alunos.”. No qual o autor, procura apresentar uma forma de como usar documentários para se mostrar fatos históricos e discute a ideologia por trás da produção deste.

Sales (2009) ainda especifica mais ainda a forma como se olha para o documentário, quando apresentado pelo professor, em sala de aula, no qual ele afirma que o fato apresentado se torna uma verdade absoluta:

“o espectador não espera um filme para entretenimento, muitas vezes em um faz de conta. Na maior parte das vezes o espectador não frui, mas espera ver uma apresentação da “verdade”. E é desta forma, esperando que apresente a verdade sobre um fato que a maior parte dos professores apresenta este gênero em sala de aula.” (SALES, 2009)

O autor nos apresenta ainda outra possibilidade para o uso deste gênero em sala, no qual nos trabalharíamos com a intenção pela qual o documentário foi produzido e com os pré-conceitos que ele surgiu:

“Outra forma de se trabalhar o documentário seria através das representações, pois, como este é uma visão do diretor/autor, do autor ou do produtor, carrega pré-conceitos sobre alguns moldes.

Não se imagina uma película sobre o MST, produzida por uma pessoa alinhada ao movimento, que está traga imagens dos integrantes do movimento como “vilões”. O mesmo pode ser aplicado a filmes como *A carne é fraca*, que busca apresentar como é realizado o abate de animais que vão para a mesa do brasileiro, enaltecendo a importância de ser ou se tornar vegetariano. Todos são feitos com subjetividades e com intenção de convencimento, ou seja todos são feitos a partir de um lugar de fala social.” (SALES, 2009, p 5.)

Esta forma que última forma que o autor nos apresenta é importante por vários motivos, dentre eles podemos destacar: a produção crítica de textos – textos de opinião. A qual seria importante pelo simples fato de ser a tipologia textual para se ingressar em qualquer universidade, mas nos interessa também formar cidadãos pensantes para suas vidas e não apenas para o ENEM. E acreditamos que para isso seja feita de forma satisfatória o professor deva trabalhar com temas de relevância para o aluno como de destaque na mídia contemporânea.

Outra forma de se trabalhar o documentário, seria envolvendo as duas anteriormente citadas, a princípio, para enfim produzirmos um documentário. E como já explicitados anteriormente, este é o nosso objetivo, tentar criar um método que posso ajudar a desenvolver a argumentação através da produção audiovisual.

Os professores e autores Costa e Santana (2009) já produziram um trabalho semelhante a este que nos propomos e afirmam que:

Mais do que captar e editar imagens, a criação coletiva de documentários em sala de aula orienta os alunos a se tornarem produtores de conhecimento, além de permitir que os mesmos reflitam sobre os mais diversos temas a partir do resultado de seus próprios registros e compartilhem este conhecimento dentro e fora do ambiente escolar. (COSTA; SANTANA, 2009, p 36).

Está afirmação vai de encontro ao já escrito anteriormente, neste trabalho, que o objetivo é fazer com que nossos alunos adquiram o poder de refletir a partir de suas próprias produções para assim se tornarem críticos sempre tentarem melhorar.

Para que isso ocorra no plano prático, precisaremos usar algumas tecnologias, que são comuns nas mãos de alunos, mas que educacionalmente parecem ainda não ter conseguido um espaço consolidado no meio educacional.

O termo “tecnologia educacional” já existe, mas assim como os aparelhos, parece que não conseguiu um lugar como a lousa e o giz no ambiente escolar, tanto

que o uso inadequado ocorre em sala de aula normalmente, por parte dos alunos. E como afirma Teruya, sem saber manipular qualquer tecnologia, as pessoas serão “analfabetas” no mundo contemporâneo:

As tecnologias da comunicação e informação configuram uma nova maneira de viver na sociedade contemporânea e transformam o universo do trabalho humano. O desenvolvimento da informática obriga-nos a reconceituar a ideia de emprego e trabalho. Muda também a concepção de alfabetização. O sujeito, além de saber ler, escrever e contar muito bem, precisa conhecer a linguagem da informática, e ser capaz de interagir com os sons, as imagens, os movimentos e as mensagens escritas ou orais. Tudo isso é ferramenta necessária para o exercício da cidadania na sociedade do conhecimento e da informação. (TERUYA, 2000, p. 13).

E um dos nossos objetivos com este trabalho é “alfabetizar” tecnologicamente nossos alunos, para que eles possam usar as tecnologias acessíveis e plausíveis de se usar em uma escola, para um futuro menos desigual em relação às classes dominantes. Que eles não apenas pensem que tem status por ter um aparelho tecnologia de uma marca renomada, mas que a usem para melhorar a qualidade de vida.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa ocorreu com os alunos do nono ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Arcângelo Nandi na Cidade de Santa Terezinha de Itaipu.

O tipo de pesquisa utilizado foi de cunho qualitativo, experimental, estudo de caso e pesquisa participante, pois experimentamos o uso da técnica de produção com câmera, computador e televisão para produção argumentativa nos valendo da tecnologia, ou seja, foi uma “pesquisa-ação”, pois como define David Tripp (2005), na página 443, de seu artigo traduzido e publicado na revista “Educação e Pesquisa”, “como toda tentativa continuada, sistemática e empiricamente fundamentada de aprimorar a prática”.

A coleta de dados foi realizada da seguinte forma:

Os dados usados para pesquisa foram coletados com uma câmera digital Sony Cyber-shot de 7.2 mega pixels.

Os alunos após produzirem os textos para nortear a produção escolhiam locais para gravação e orientavam quem estava com a câmera, que era um dos alunos do grupo.

Foram gravadas tantas tomadas quantas os alunos acharam necessário. E o fator que gerou o maior número de regravações foi a dificuldade dos alunos falarem com uma boa dicção, ou seja, de forma clara e pausada para que os vídeos ficassem com o áudio bom e compreensível.

4 “UMA VERDADE INCONVENIENTE” E A PRÁTICA EM SALA DE AULA

A seguir faremos um relato minimalista de como os três grupos formados pelos alunos que participaram das produções das paródias se comportaram e desenvolveram as atividades durante o período de aplicação da pesquisa.

O grupo que trabalhou com o tema reciclagem chegou, devido a dificuldade de uma das participantes do trabalho em conseguir ler o “prompt”, a substituí-la por outro membro para exercer a função de narrador do documentário. Segundo a aluna, a dificuldade de leitura se dava por causa do aparelho dental que era recém-colocado, mas sendo por este motivo ou por dificuldade de leitura ficou o registro de que ela precisava trabalhar melhor este quesito para que futuramente a situação não se repetisse.

Este é um dos pontos em que este trabalho se mostra contextualizado em relação ao conteúdo estruturante descrito nas “Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Língua Portuguesa” da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, pois trabalhamos a leitura e a oralidade e isso tudo envolvendo mídias pouco aproveitadas no ambiente escolar contemporâneo e que nos propiciaram gravar o ato para que eles mesmos, com mais calma, posteriormente pudessem se autoavaliar e notar em quais quesitos era necessário melhorar.

Já o aluno que se ofereceu, e foi aceito pelo grupo, para gravar no lugar da aluna G., foi G. M. M. que havia escrito o texto para a leitura, e teve como resultado óbvio, que às vezes não acontece por qualquer motivo, a necessidade de uma única tomada para gravação. Este segundo aluno não foi perfeito, porém se nem mesmo os mais famosos âncoras o são, como exige isso de um aluno de nono ano do ensino fundamental?

Como já relatado acima, respaldados pelo conteúdo estruturante exigido pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED), “O discurso como prática social”, presente na Diretriz Curricular e nos valendo dos conteúdos específicos do terceiro bimestre, “textos de opinião”, “editoriais”, “intertextualidade” e “paródia”, para iniciar nosso trabalho, tentamos deixar claro, para os alunos, que o documentário nada mais é do que uma forma de produção/divulgação de opinião que possui tese, argumento e uma “solução” para um “problema” que aflige um determinado meio, com a simples diferença entre o documentário e o texto de opinião que além de escrever um texto que defenda uma tese, nossos alunos iriam

gravá-lo com o intuito de produzir um material audiovisual para ser veiculado para eles mesmos e outras pessoas e assim se autoavaliar e ainda divulgar a opinião para como resolver um problema da comunidade.

Para que eles tivessem uma noção do que é um documentário, passamos o famoso e premiado “Uma verdade inconveniente”, que dá título a essa pesquisa.

E o escolhemos por tratar de um tema que, nos últimos três anos, perdeu espaço para a “crise econômica global”, mas que é primordial para que mais tarde os problemas futuros não sejam em decorrência das mudanças climáticas e catástrofes ambientais.

Até o estouro da bolha imobiliária norte-americana um dos temas mais relevantes era o aquecimento global e sua relação óbvia com as ações dos seres humanos, tais como a produção agropecuária e industrial e as emissões de gases que surgem em decorrência destas.

Porém, com o que, segundo o consenso geral, chamou de “a maior crise pós a quebra da Bolsa de Nova York, em 1929”, a população mundial deixou a preocupação com o aumento da temperatura global de lado e voltou os olhos para o individualismo capitalista que está preocupado em apenas não perder seu emprego e a retomar os índices de produção pré-crise, sem se lembrar de que o mundo pode estar à beira do colapso.

Por este motivo, acreditamos no potencial deste documentário como ponto de partida, para não apenas prepararmos nossos alunos somente para trabalharem e produzirem, mas sim para trabalharem, produzirem e terem a consciência de que a nossa produção gera consequências e sendo nós os responsáveis, sempre precisamos assumi-las e procurar respostas para que o nosso mundo não seja destruído pela forma econômica que escolhermos.



FIGURA 1 - Imagem promocional do filme "Uma verdade inconveniente";

Fonte: <http://cinetrixfilmes.blogspot.com.br/2012/06/uma-verdade-inconveniente.html>

Porém, antes de iniciarmos o trabalho focado no documentário, sem que nossos alunos soubessem que eles fariam um posteriormente, introduzimos o uso da mídia câmera, no segundo bimestre, para saber até que ponto eles conseguiriam usá-la. A justificativa para o uso de tal aparelho foi que ao invés de apresentarmos trabalhos literários usaríamos as leituras do primeiro bimestre que já foram apresentadas e faríamos filmes dessas obras.

Durante as gravações, nada fora do planejado ocorreu. Porém, o problema foi editar os vídeos. Na verdade, não foram editados, pois os alunos não conseguiram dominar as ferramentas disponíveis e assim o trabalho não foi concluído de forma plena. Essa experiência foi levada para a produção dos documentários. Para evitar o problema tomamos a responsabilidade da edição para nós, pois assim, teríamos a certeza de que o trabalho final seria feito.

A etapa seguinte foi durante o terceiro bimestre, no qual, seguindo o livro didático “Linguagem, Criação e Interação” das autoras Cássia Garcia de Souza e Márcia Paganini trabalhamos com a teoria e estrutura dos textos de opinião e sua função social, passada e contemporânea, o que nos permitiu pedir para os alunos

apresentarem um ponto que deixava a desejar em relação ao meio ambiente do município de Santa Terezinha, apresentarem a tese, darem os argumentos deles sobre a questão levantada pelos mesmos, os motivos para tal posição e como poderiam melhorar este suposto problema que aflige/afligia o entorno da comunidade escolar.

A partir das ideias dos próprios alunos, selecionamos três produções que nos pareceram mais apropriadas para transformá-las em documentários e acessíveis para produção do trabalho e juntamente com os alunos e até mesmo durante as gravações as lapidamos, foram elas: “O uso da água na cidade (e no mundo)”, “A proliferação da dengue na cidade de Santa Terezinha de Itaipu” e “A visão geral que se tem sobre a reciclagem”.

Os alunos da sala puderam optar livremente pelos temas, contanto que se dividissem de forma equivalente entre os três grupos para que um não ficasse com mais alunos do que outro, e assim houve a formação de três grupos e a produção de três documentários curtos, inspirados no documentário usado como ponto de partida.

No dia 19 de setembro de 2013, após terem assistido ao documentário “Uma verdade inconveniente” no dia anterior, foi pedido aos alunos do nono ano “B”, para que se inspirassem no que haviam visto no trabalho de Gore e elaborassem um texto de opinião sobre o tema que haviam escolhido previamente, de forma direcionada para gravação do documentário de autoria do grupo.

Os textos foram produzidos, corrigidos e reestruturados em sala de aula. Os alunos levaram como tarefa de casa, o dever de reestruturar os textos novamente após a segunda correção de forma que ele estivesse pronto no dia 25 para as gravações.

Foi perceptível que os estudantes, mesmo sem escrever nos roteiros e dizer a palavra paródia no processo de filmagem, durante a gravação se pautavam em outras produções conhecidas para realizar o trabalho e assim houve mais uma oportunidade de reforçar a teoria com eles. Foi assim, por exemplo, durante a gravação das falas do grupo que era responsável pelo tema “Reciclagem”, pois trouxeram um notebook com o intuito de usá-lo como “prompt” (tela que fornece o texto para leitura de âncoras) assim como jornalistas televisivos e candidatos a vereadores.

Todos os grupos tiveram a consciência de que não poderiam inventar fatos, pois o documentário não era uma narrativa ficcional e sim a apresentação de uma tese que estava sendo defendida com a própria imagem de quem fala. Inserir-se como ser humano em uma produção tem a intencionalidade de que essa pessoa transmita credibilidade, mesmo que seja lendo, pois ela não apareceria para outras pessoas se fosse prejudicar sua reputação. Alguns alunos levantaram a possibilidade plausível de políticos fazerem isso, em seus horários eleitorais quando contratam jornalistas famosos e atores globais para tentarem dar credibilidade ao que é dito durante esses programas.

Como já dito anteriormente, a edição não foi deixada para os alunos fazerem, pois já haviam falhado na edição de uma produção anterior. Talvez, se no futuro os professores tiverem mais horas-atividades e as escolas possuírem uma estrutura que possibilite o uso de computadores durante a aula, essa parte possa ser desenvolvida juntamente com a produção deste trabalho e assim possamos fazer um trabalho completo, desde as produções do primeiro texto até a edição final dos documentários.

Durante as gravações tentamos mostrar para os alunos, e para as pessoas que estavam na escola e que por curiosidade acompanhavam as gravações em decorrência de não ser uma prática comum nas escolas, que este tipo de trabalho é produção de conhecimento, pois até então não havia uma pesquisa voltada para aquele tipo de problema naqueles lugares, escolhidos pelos alunos, independente de já ter ocorrido em qualquer outro espaço, como escrevem Costa e Santana (2009) em sua produção semelhante a esta.

Com a inserção da ideia de produção de conhecimento, esperamos que os alunos submetidos a este trabalho, sintam-se mais seguros nas produções futuras e saibam, porque vivenciaram, que a produção de conhecimento se faz assim, até mesmo com trabalhos mais simples que poderão ser aprofundados num futuro acadêmico.

Assim que as gravações iam se findando, os vídeos eram descarregados e, um a um, foram editados. Porém a primeira edição, mesmo não sendo feita por eles, deixou a desejar.

Os alunos assistiram e fizeram uma reflexão de como poderiam ter se saído melhor e analisaram as teses, argumentos e possíveis soluções apresentados pelos documentários dos grupos.

E uma das conclusões após a primeira edição foi a de que o trabalho estava muito curto, então pedimos aos alunos que trouxessem frases com curiosidade para inserirmos no documentário e tornarmos o trabalho mais extenso e que escolhessem uma música também, de preferência que tivesse relação com o tema do trabalho, fosse ele, água, reciclagem ou dengue para tocar enquanto as frases aparecessem na tela. Este resultado é possível perceber nesta outra imagem capturada do trabalho sobre o “Uso da água”. Como eles titubearam para escolher a música, sugerimos uma música famosa do Guilherme Arantes, “Planeta água”, mesmo sendo um clichê, pois parecia ser a mais apropriada para o trabalho.



FIGURA 2 - Imagem extraída do documentário sobre o "Descaso com o uso da água" e uma curiosidade sobre a água no planeta terra

Fonte: “Descaso com o uso da água”

Os dados obtidos para este trabalho, no qual se valorizou o uso de novas mídias na escola, foram analisados através do resultado da pesquisa bibliografia iniciada e apresentada no capítulo anterior.

Durante a fundamentação teórica, primeiramente delimitamos o que era um documentário, nos valendo da definição apresentada por Dias (2009), na qual o autor relata que o documentário “é uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera” e isso foi o que fizemos com os nossos alunos. Gravamos, áudio-visualmente, teses previamente construídas em forma de roteiro.

Ainda nos valendo da definição de Dias (2013), na qual está escrita que o documentário oferece “asserções sobre o mundo que nos é exterior”, tentamos fazer, durante as criações dos documentários, que os alunos internalizassem nas gravações, esse mundo exterior para que a informação da “realidade” do que gravaram se exteriorizasse para qualquer um que quisesse assistir, ou seja, para transmitir uma maior verossimilhança que surgia através de um ambiente previamente definido.

Dias também relata que as imagens particulares a um documentário o tornam singular e a liberdade dada aos alunos para produzirem foi o que tornou cada um desses documentários particular, mesmo eles tendo sido gravados por estudantes de uma mesma turma e em uma mesma região. Foi um dos momentos em que cada grupo teve total liberdade de escolha.

Mas, acreditamos que a essência de nosso trabalho é dada nas palavras de Ramos (2009) que definiu o documentário como uma gravação que será assistida e “emitirá” uma opinião, e foi este o objetivo do trabalho desde o começo, fazer com que os nossos alunos em um primeiro momento elaborassem, em grupo, um texto de opinião que geraria um roteiro para gravação de um produto audiovisual sobre o entorno da escola e/ou da comunidade na qual vivem com suas famílias e amigos, além de tudo gerando um conhecimento único através de uma paródia, nos termos apresentados por Hutcheon (1989).

Porém, antes de continuar com a análise da pesquisa, acreditamos ser necessário fazer algumas considerações para ressaltar dois pontos que foram perceptíveis somente durante a realização deste trabalho e influenciaram os rumos desta pesquisa, mesmo por que antes deles serem notados durante o processo, eles haviam sido previstos de uma forma, mas a realidade se mostrou de outra.

O primeiro deles foi o tempo hábil. A escola e o sistema, por mais que estejam tentando se autotransformar para melhor, ainda não oferecem tantas possibilidades para que isso aconteça de forma plena. Pois algumas práticas tradicionalistas ainda se fazem necessárias para comprovação da aprendizagem dos alunos, tais como as provas escritas, recuperações e trabalhos e as notas provenientes destas precisam ser entregues e depois realizado o conselho de classe e toda parte burocrática para que exista um registro do avanço ou não dos alunos. A menção a estas etapas não são uma crítica no sentido de desprezo destas, mas sim um registro de que para realizar um trabalho como este e que oportuniza vários

momentos para ensinar desde um texto de opinião até mesmo a edição de um vídeo, existe a necessidade de um tempo maior do que apenas dois ou três meses para que cada etapa seja realizada com qualidade e que talvez trabalhos assim, um dia se tornem comuns nas escolas, mas dificilmente nas escolas atuais, de meio período e na qual alguns alunos estão cansados por trabalharem o outro ou outros períodos e essa situação gera o sentimento de que gostaríamos de ter feito muito mais, mas estávamos de mãos atadas pelos prazos.

Outra consideração que queremos registrar é a facilidade que a Direção e Equipe Pedagógica do Colégio Estadual Arcângelo Nandi nos propiciaram para realização desta atividade. Estes sempre foram compreensivos e ajudaram de todas as formas possíveis para que o trabalho fluísse de forma segura e tranquila. E aqui registramos este outro ponto, porque acreditamos que se houvesse qualquer demonstração de má vontade por uma das partes citadas acima, o trabalho não aconteceria de forma satisfatória em seu objetivo final que era a produção do documentário, e o problema registrado no parágrafo anterior foi contornado com a liberdade que nos deram para fazer o que fosse necessário dentro dos limites pedagógicos para que o trabalho acontecesse, o que nos gerou um sentimento de prazer na produção destes documentários, porque literalmente compreenderam que estávamos tentando proporcionar novas chances para os alunos aprenderem o conteúdo.

O resultado geral do trabalho pode ser considerado bom, pois proporcionou uma oportunidade diferenciada e que envolvesse o uso das “novas” (ou, agora, acessíveis ao público geral) mídias para o ensino da produção de meios que expressem opinião sobre assuntos relevantes e que envolvessem o meio no qual vivem e estudam se valendo para produção, da própria imagem para gerar credibilidade.

Quando inserimos o uso da câmera digital no segundo bimestre, para que os alunos começassem a ter experiência com o seu manuseio foi perceptível que se tratou de uma atitude acertada, pois alguns não sabiam como usá-la, outro não sabiam manuseá-la para o objetivo que tínhamos, que era fazer as gravações, e assim pudemos oferecer uma nova experiência para alguns alunos e também contribuimos para inserção digital destes.

No terceiro bimestre, quando trabalhamos com a distinção entre fato e opinião, ficou evidente que ainda há dificuldade para os alunos desta faixa etária

diferenciar os dois, assim como também mostram os resultados da Secretaria de Educação do Estado do Paraná, obtidos com as provas externas aplicadas pelos próprios, chamada SAEP.

Vale o registro, também, de que este trabalho vem de encontro às atitudes da Secretaria de Educação do Estado do Paraná de buscar soluções para os problemas que as provas externas têm identificado, se propondo a permitir que os alunos trabalhem de uma forma lúdica com fatos e a publicação de opiniões audiovisuais sobre esses fatos e assim ainda possam se autocorrigir através da oportunidade que a gravação televisiva permite.

Acreditamos que este trabalho, por mais que apenas de uma maneira inicial, ajudou a mostrar que a opinião advém de uma pessoa ou grupo (através de um editorial ou um comunicado de uma entidade, por exemplo) e é transmitida por um meio qualquer como um jornal em meio impresso ou televisivo ou documentário e sempre analisa um fato que se apresente como problemático, ou obviamente, polêmico. Para tal nos valem do que Sales (2009) escreveu, já citado na fundamentação teórica, sobre a “expectativa” de apresentação de uma verdade que um documentário gera. Momento que ficou mais evidente, quando, ao vermos alguns trechos dos roteiros e das gravações, questionávamos os alunos sobre o que era opinião quando escreveram/falavam e o que era um fato realmente que gerava a opinião.

E isso nos levou a uma consequência, também relatada por Sales, que é a possível subjetividade que norteia a produção, ou poderíamos chamar de intencionalidade que gerencia a produção, pois se há uma intenção para se “vender” ou “defender” uma ideia prévia, podemos mostrar só o que nos interessa ou o que determinado fato gerou de positivo e ocultar as consequências negativas ou até mesmo as dúvidas. Isso ocorreu na produção do documentário sobre a Dengue, no qual os alunos queriam “criar” um ambiente de reprodução e simular uma entrevista, ao invés de procurar por áreas reais de foco e uma pessoa que realmente tivesse sido vítima da doença, ou seja, queriam simular uma realidade, mesmo que existente, pois havia uma intencionalidade em provar algo previamente definido pelo roteiro que eles criaram.

Na figura a seguir, captada durante a primeira tentativa de gravação dos alunos do grupo que tratava do tema dengue, é possível notar a cena sendo

“montada” por eles, mesmo ela sendo apenas uma captura de imagem é perceptível que o papel de um maço de cigarro está sendo jogado.



FIGURA 3 Montagem de cena para gravações do documentário sobre a dengue

Fonte: “Dengue em Santa Terezinha de Itaipu”

Deixamo-los terminarem de fazer o que quisessem, pois tínhamos a intenção de permitir que a criatividade dos alunos fosse parte do trabalho, porém como eles foram muito relapsos para produção do roteiro, sendo que durante o período de reestruturação fora pedido para que arrumassem algumas partes e acrescentassem outras e estes negligenciaram os pedidos, após o término da primeira tentativa relatamos a eles que após aquela tentativa descontaríamos uma parte da nota do trabalho do grupo e que se não arrumassem o roteiro, descontaríamos mais, pois não atendia a estrutura mínima para se gravar o documentário e induzimos eles a procurarem uma cena ou ambiente para gravação que realmente permitisse a reprodução do *Aedes Aegyptie* os alunos, talvez por medo, talvez por notarem que poderiam ser melhores, o fizeram assim na segunda tentativa.

Notemos que durante o relato do processo, o uso da “nova” mídia, câmera digital, para gravação é apenas mais um material escolar, mas que é fundamental como todos os outros, ou o que seria dos alunos sem caderno, lápis e borracha? Assim a câmera se fez como apenas mais um material, mas fundamental.

É certo que ela oportuniza este trabalho, porém o resto do processo é apenas um meio e não um fim, como escreveu McLuhan (1960), só que de forma lúdica como afirma Moran (1995). Ou seja, o processo para a aprendizagem foi divertido, pois pudemos sair da sala de aula tradicionalista, demos liberdade aos alunos para produzirem da forma que achassem melhor, contanto que produzissem. Gravamos nos ambientes que os alunos escolheram. Limpamos as quadras do entorno do Colégio numa mini campanha contra a dengue. Talvez esse tenha sido o momento de maior interação com a comunidade, atingindo o ponto que sonhamos quando aprendemos a teoria na faculdade, fazendo com que a escola seja de fato um agente transformador.

Após a gravação da narrativa para o documentário, o grupo tinha a proposta de juntar o lixo nos arredores da escola. Como já dito acima, quando os alunos pediram se poderiam desenvolver a atividade, a equipe pedagógica liberou-os prontamente quando soube que se tratava de um trabalho diferenciado, estas são atitudes que fizeram a diferença na produção deste trabalho.

A escola colaborou com sacos plásticos e o grupo responsável pelo documentário, que promoveu a ação, convidou os alunos dos outros grupos para ajudarem na tarefa. Todos prontamente aceitaram. É fato que alguns apenas para sair da sala, outros para realmente ajudar. Mas no final todos participaram de uma forma ou de outra durante a coleta de lixo.

Nossos alunos, durante a coleta de lixo, se empolgaram de tal maneira que começaram a agir fora do script e entrevistaram moradores do entorno. Ou seja, novamente a escola se relacionou com a sua volta, mostrando que é possível fazer a diferença.

A próxima foto mostra um pouco do resultado da coleta. Ficamos aproximadamente uma hora limpando as quadras próximas e estes sacos foram recolhidos nos primeiros trinta minutos.



FIGURA 4 – Resultado já na primeira meia hora de coleta

Fonte: “Dengue em Santa Terezinha de Itaipu”

Porém, nem tudo teve um ótimo resultado, como já relatamos um grupo não terminou o trabalho no prazo e precisamos literalmente fazer uma “recuperação”.

Outro problema identificado foi a falta de participação de alguns alunos. Este tipo de situação acontece rotineiramente em sala de aula e em diversas outras situações, mas para tentar evitar que isso acontecesse, durante toda realização dos trabalhos estivemos presentes como avaliadores, literalmente, para ver quem não participava e assim “punimos” o(s) aluno(s) em questão com outro decréscimo de nota e estes, após verem que estavam sendo “penalizados”, tentaram participar mais ativamente.

Após as gravações, para “avaliarmos” o que eles haviam compreendido sobre paródia, nos termos já definidos neste trabalho, nos valendo de Hutcheon (1989), perguntamos se eles achavam que haviam conseguido produzir algo semelhante ao documentário “Uma verdade inconveniente” e alguns disseram que faltava muito para ser parecido, mas que a essência/ideia era a mesma. Outros disseram que não havia nenhuma relação. Então tentamos fazer alguns paralelos para que vissem que independente da qualidade havia sim e que isso era uma paródia.

Posteriormente a todas as gravações, assistimos as estas “cruas” e debatemos sobre elas.

Tivemos que fazer o trabalho de edição, que não foi fácil. No primeiro momento acreditamos que poderíamos melhorar, pois estavam curtos, como já relatamos também, então para torná-los um pouco mais longos e com qualidade pedimos aos alunos que escolhessem uma música que tivesse relação com o tema do trabalho e algumas curiosidades também relacionadas em forma de frases para colocarmos enquanto a música tocasse ao final das falas dos alunos.

Vale ressaltar, por final que enquanto esse trabalho foi escrito, contamos aos alunos o que seria feito com os documentários, que estes faziam parte de um projeto de pesquisa de pós-graduação. Muito ficaram assustados e se perguntaram como com “tão pouco” poderia ser feito uma pesquisa.

Respondemos que o trabalho já vinha sendo pensando desde o começo do ano, que foi planejado e replanejado, e que ele vinha sendo corrigido. A maior parte dos alunos ficou surpresa quando soube de toda intencionalidade e que o objetivo final era encontrar um novo método de ensino para a determinada matéria.

E nossa parte mais uma vez foi explicar o que já transcrevemos e parafraseamos duas vezes, de Costa e Santana (2009), que o mais importante durante o processo foi a produção de conhecimento que se tornou única pela forma como se deu.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir um trabalho é difícil, pois aqui, acreditamos que seja a hora de nos autoavaliarmos e até mesmo nos criticar de maneira rígida, mesmo correndo o risco de apontarmos erros que não seriam percebidos pelos avaliadores, talvez.

Primeiramente com relação ao trabalho, acreditamos que o resultado seja no mínimo satisfatório, pois atingiu o objetivo geral proposto que era o de compreender como o uso de documentário em sala de aula poderia ajudar na elaboração de textos argumentativos, além de fazer com que os alunos parodiando o documentário assistidos, “Uma verdade inconveniente”, produzissem documentários que tivessem relação com a comunidade. Na verdade se compararmos os resultados com o objetivo geral, nossas expectativas até foram excedidas, pois conseguiram fazer com que os alunos, além de produzir um documentário, interagissem com a comunidade escolar o que fortalece a Gestão Democrática e faz a comunidade se sentir parte da escola e com que os alunos se sintam agentes transformadores do meio em que vivem através da produção de conhecimento que gera atitudes que melhoram o mundo, mesmo que de maneira simples.

Com relação aos objetivos específicos, todos foram atingidos, pois oportunizamos o conhecimento do gênero documentário. Para tal, trabalhamos exemplos e sua estrutura, além de produzir paródias deste. Também trabalhamos com o conceito de paródia da forma mais ampla possível para que nossos alunos criassem a consciência de que parodiar não é simplesmente “copiar” mudando um pouco, ou fazer uma nova produção de outra, satirizando a primeira, mas sim que esta oferece a chance de produzirmos conhecimento sobre determinado assunto. Logo, o documentário nos deu a chance, através da paródia, de produzir conhecimento, além é claro de trabalharmos de forma diferenciada o gênero argumentativo. E por fim, a análise do meio, que foi o momento de escrita e reescrita dos textos argumentativos que se tornaram roteiros para produção dos documentários (estes trabalhos podem ser vistos nos ANEXOS B e C). Este foi o momento mais tradicionalista do projeto, mas se mostrou necessário, pois era o planejamento do que iria acontecer, para o trabalho literalmente possuir um rumo mínimo, que como pudemos notar no relato, foi superado positivamente.

Um ponto positivo, ainda não relatado aqui, foi o progresso notado da parte de alguns alunos com relação à oralidade, necessária para apresentação e gravação do trabalho.

Um desses casos e que mais chamou a atenção é o caso do aluno D. I. N. da S., ótimo aluno no quesito notas, mas tímido para o relacionamento interpessoal e sempre se mostrava com um pouco de vergonha para apresentar trabalhos em grupo ou para se manifestar publicamente. Porém acreditamos que pelo fato de ele estar falando para câmera, num pequeno círculo de conhecidos, ele conseguiu, mas não foi fácil, o mesmo dizia na frente dos outros que não conseguiria, mas mesmo assim criamos um ambiente no qual ele se sentisse seguro e o fizemos tentar tendo um resultado bom.

Seria hipocrisia apenas exaltar o trabalho e não registrar as dificuldades e os pontos que podem ser melhorados nos trabalhos futuros que se darão a partir da ideia que foi construída nesta pesquisa.

A primeira falha notada é a de que as edições sempre podem ser melhoradas e o trabalho nunca fica concluído. Assim acreditamos que se houvesse o tempo durante todo ano letivo para se trabalhar com um projeto desses o resultado seria melhor, ou seja, como a partir de agora, pretendemos aperfeiçoar o projeto ano a ano, no próximo, começaremos desde o primeiro bimestre.

Mas mesmo que tenhamos o ano todo para desenvolver esse projeto, enquanto não houver ensino em tempo integral, alguma parte do conteúdo, seja o teórico ou o prático sempre ficará para trás e não será trabalhado, por isso a luta deve ser por uma educação integral para que possamos ter um futuro melhor e não apenas com curativos, e talvez essa seja outra “verdade em inconveniente”.

Portanto, é perceptível que existe um movimento para melhora da educação e procuramos diversificar as formas de ensino para torná-las mais atrativas, mas enquanto os governos tratarem o pilar fundamental da sociedade com descaso, seremos nós meros sonhadores a tentar de grão em grão transformar a realidade que, em alguns casos, é de risco tanto para alunos como para professores.

Acreditamos também que poderíamos ter aprofundado a parte teórica, se houvesse mais tempo, até mesmo comprado os livros, pois a bibliografia foi limitada. Gostaríamos de ter explorado mais possibilidades para aprofundar o trabalho, de conhecer mais autores que pesquisaram sobre o tema, por nós trabalhados.

A dificuldade acima relatada gerou uma limitação na exploração da relação teoria/prática. Pois com a fundamentação tendo que ser elaborada em tão curto prazo, não tivemos a chance de procurar com calma.

Lamentamos também não ter imaginado que poderíamos usar as imagens do documentário com os alunos na escrita do relato e por isso não pedimos permissão ao conselho de ética. O que empobreceu esta pesquisa. Talvez esse seja o maior lamento.

Por fim, agradecer aos alunos do nono ano “b” do colégio Estadual Arcângelo Nandi que participaram e colaboraram para realização deste trabalho.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, M. **O documentário e a prática jornalística.** (2006), Disponível em: <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/ensaios7_d.htm> Acesso dia 06 de abril de 2013, 22h23m.

COSTA, Rafael N. e SANTANA, Hélder O. de. **A produção de documentários em ambiente escolar.** (2009) Disponível em: <http://www.fsma.edu.br/visoes/ed07/Edicao_7_artigo_5.pdf> Acesso dia 02 de setembro de 2013, 20h02m.

DIAS, R. F. **Em busca da definição: mas afinal... o que é mesmo um documentário? De Fernão Pessoa Ramos.** Uberlândia: Fênix, 2009. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF19/Resenha_1_Rodrigo_Francisco_Dias.pdf> Acesso em: 31 de maio de 2013, 02h24m.

GASTAL, Susana. **McLuhan: desdobramentos polêmicos de uma teoria ainda polêmica.** Porto Alegre: 2003. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3231/2495>> Acesso dia 20 de dezembro de 2013, 02h00m.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia.** Trad. de Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1989.

MORAN, José Manuel. **O vídeo na sala de aula.** (1995) Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/vidsal.htm#informa%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso dia 06 de abril de 2013, 22h20m.

SALES, Eric de. **O documentário na sala de aula: uma verdade absoluta para o aluno.** (2009) Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1467.pdf>> Acesso dia 02 de setembro de 2013, 19h33m.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná - Língua Portuguesa,** 2008.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica in Educação e pesquisa.** Trad. de Lólio de Lourenço Oliveira. São Paulo, v 31, n. 3. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>> Acesso dia 10 de dezembro de 2013, 00h50m.

TERUYA. Teresa Kazuko. **Trabalho e Educação na Era Midiática**. Disponível em: <<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/2213/1/tese.pdf.%20Acesso%20em%2010%20jun.2011>> Acesso dia 06 de setembro de 2013, às 20h38m.

ANEXO(S)

ANEXO A

Sinopse e detalhes

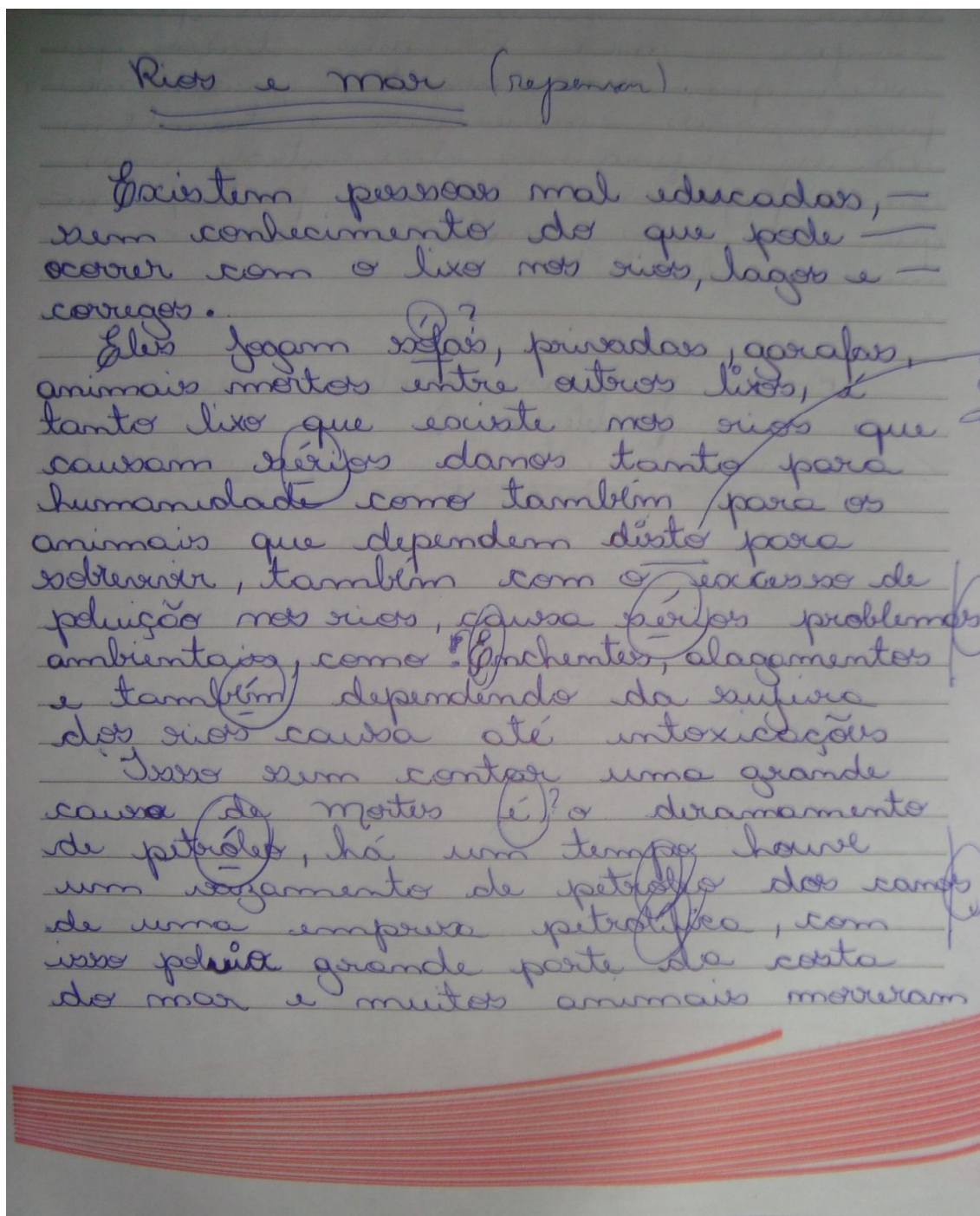
O ex-vice-presidente dos Estados Unidos Al Gore apresenta uma análise da questão do aquecimento global, mostrando os mitos e equívocos existentes em torno do tema e também possíveis saídas para que o planeta não passe por uma catástrofe climática nas próximas décadas.

Título original	An Inconvenient Truth	Curiosidades	<u>6</u> <u>curiosidades</u>
Distribuidor	<u>PARAMOUNT</u> <u>PICTURES</u>	Bilheterias Brasil	-
Ano de produção	<u>2006</u>	Orçamento	-
Data de lançamento em VOD	-	Relançamento	-
Lançamento do DVD	-	Língua	Inglês
Lançamento do Blu-ray	-	Formato de produção	-
Cor	Colorido	Formato de áudio	-
Tipo de filme	longa-metragem	Formato de projeção	-
			-

Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-111289/>

ANEXO B

Texto argumentativo que serviu como roteiro para gravação de um dos documentários



ANEXO C

Texto argumentativo que serviu como roteiro para gravação de um dos documentários

